

Sarney no "front"

A integração, tantas vezes tentada, entre os países da América Latina, poderá receber uma forte contribuição brasileira nessa viagem que o presidente José Sarney fará aos Estados Unidos para participar da Assembléia Geral das Nações Unidas.

Logo na primeira escala de seu primeiro vôo além das fronteiras Norte do País, o presidente José Sarney terá um encontro, que, apesar de rápido, poderá dar início a um diálogo muito proveitoso para o fortalecimento dos laços de dois parceiros importantes do jogo da integração: Brasil e Venezuela.

Os venezuelanos lançaram, com o Sela — Sistema Econômico Latino-Americano, uma versão moderna da Opa — Operação Pan-americana, com que Juscelino Kubitschek se antecipou à Aliança para o Progresso de John Kennedy.

Os inimigos de Kennedy aquém do Rio Grande diziam que a Aliança era para o progresso dos Estados Unidos. O líder americano argumentava que a Aliança poderia converter-se numa espécie de "Plano Marshall" para a América Latina.

Retóricas à parte, a verdade é que a integração interregional no nosso continente tem esbarrado sempre em obstáculos terríveis, entre os quais a dependência de recursos externos. Se o presidente José Sarney conseguir "vender" ao grande foro das nações, que é a ONU, suas idéias sobre dívida externa, essa integração ficará mais próxima da realidade: a dívida externa dos países da América Latina impede, ao estrangular suas economias, que todos cheguem ao denominador comum nas relações comerciais.

O presidente Jaime Lusinchi veio da centro-esquerda, eleito pela Ação Democrática, um partido que se impôs à grande maioria do povo venezuelano pregando reformas idênticas às que o presidente José Sarney pretende introduzir no Brasil. Vive também sob os efeitos de uma dívida externa desproporcional à sua economia: cerca de US\$ 35 bilhões de dólares.

E a Venezuela tem um trunfo para lançar no xadrez da integração: foi o único país da América Latina que renegociou sua dívida externa acima do Fundo Monetário Internacional, diretamente com os bancos credores.

No diálogo Sarney-Lusinchi, certamente, esses dados serão avaliados — não em Caracas, onde não haverá tempo para isso, mas à sombra das Nações Unidas, em Nova York, onde desfilarão outros parceiros do quebra-cabeça latino-americano, todos carregando nas algibeiras as debêntures do seu endividamento em dólares.

Embora governantes de meia-idade, Sarney e Lusinchi certamente recordarão os esforços e fracassos na "novelinha" histórica das tentativas de integração — latino-americana. Opa, Aliança, Alalc, Sela — são alguns dos capítulos dessa odisséia tropical. Quem sabe se no dia 21 o presidente do Brasil não estará voando em direção a um destino novo para este continente?... Ninguém pode duvidar dos insuspeitados poderes que a união entre os povos suscita, quando são guiados pelo idealismo dos seus líderes e quando esses líderes têm a visão do futuro e do destino que tripulam no presente.